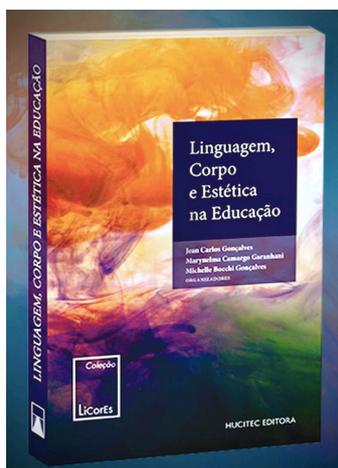


PERSPECTIVAS E OBJETOS DE PESQUISA SOBRE CORPO, LINGUAGEM E ESTÉTICA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Helen de Aguiar¹

Sobre GONÇALVES, Jean Carlos; GARANHANI, Marynelma Camargo; GONÇALVES, Michelle Bocchi (Orgs.). Linguagem, corpo e estética na educação. São Paulo: Hucitec, 2020. 254p. ISBN: 978-65-86039-28-3.

PER
LAN



RESUMO: Trata-se de uma publicação decorrente dos estudos desenvolvidos pelos docentes da linha de pesquisa LiCorEs – Linguagem, Corpo e Estética na Educação – vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com contribuições de pesquisadores nacionais e internacionais. O livro, dividido em 3 partes e composto por 14 textos/ ensaios de diferentes autoras e autores, configura-se como o primeiro volume da coleção LiCorEs, publicada pela Editora Hucitec em 2020, e organizada por Jean Carlos Gonçalves, Marynelma Camargo Garanhani e Michelle Bocchi Gonçalves. A coletânea traz como seu objeto central, algumas reflexões sobre subjetividade, expressividade, comunicação e formação humana a partir das lentes do corpo, das linguagens e da estética na educação.

Palavras-chave: Corpo; Linguagem; Estética; Educação.

ABSTRACT: It is a publication resulting from the studies developed by the professors of the research line LiCorEs - Language, Body and Aesthetics in Education - linked to the Graduate Program in Education (PPGE) of the Federal University of Paraná (UFPR), with contributions from national and international researchers. The book, divided into 3 parts and composed of 14 texts / essays by different authors and authors, is the first volume of the LiCorEs collection, published by Editora Hucitec in 2020, and organized by Jean Carlos Gonçalves, Marynelma Camargo Garanhani and Michelle Bocchi Gonçalves. The collection brings as its central object, some reflections on subjectivity, expressiveness, communication and human formation from the lens of the body, languages and aesthetics in education.

Keywords: Body; Language; Aesthetics; Education.

¹ Mestra em Educação (UFPR, 2016). Especialista em Estética e Filosofia da Arte (UFPR, 2010). Graduada em Dança – bacharelado (2003) e licenciatura (2008) pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Coreógrafa da Têssera Companhia de Dança da UFPR. E-mail: helenaguiaar@ufpr.br

“Como resumir um livro múltiplo sem deixar de lado aquilo que é pura diferença ou até mesmo contradição?” A partir desta constatação levada a termo por Marília Amorim (Universidade de Paris VIII) em uma espécie de ‘Prefácio’ – em destaque na contracapa da obra –, procedo à leitura atenta e à escrita da resenha sobre o livro *Linguagem, Corpo e Estética na Educação*, que se constitui no volume 1 da Coleção LiCorEs (Editora Hucitec) dirigida por Beth Brait e Jean Carlos Gonçalves. Trata-se aqui de uma publicação decorrente dos estudos desenvolvidos pelos docentes da linha de pesquisa LiCorEs – Linguagem, Corpo e Estética na Educação – vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O livro, publicado em 2020, tem 254 páginas e é dividido em 3 partes, sendo composto por 14 textos organizados por Jean Carlos Gonçalves, Marynelma Camargo Garanhani e Michelle Bocchi Gonçalves.

Na Apresentação, os organizadores já apontam o fato de que, atualmente, o campo da pesquisa das/nas Ciências Humanas é, certamente, um ato de resistência. E, para resistir junto ao grupo de docentes/pesquisadores e pesquisadoras da LiCorEs, os coordenadores do livro também fazem potentes convites e provocações a pesquisadores nacionais e internacionais que aderem à proposta de pensar o Corpo, a Linguagem e a Estética pelo viés da Educação.

A parte I é denominada *Licores pelo mundo: perspectivas internacionais de pesquisa em Linguagem, Corpo e Estética* e apresenta três textos. O professor de sociologia da Universidade de Estrasburgo (Université de Strasbourg – USIAS) David Le Breton – autor renomado de diversos livros publicados no Brasil – apresenta no ensaio *Aprender o impalpável: sobre o ensino do Yoga* um manifesto sobre o corpo, sobre o sensível, o sentir, a afetividade, os processos de aprendizagem do gesto e o faz salientando que os seres humanos “sentem afetivamente os eventos de sua existência por meio de repertórios culturais diferenciados” (p. 18). É da natureza e cultura que Breton se aproxima para falar sobre aprendizagem, processo de ensino, individualidade do aprender sobre si e sobre o mundo e sobre consciência corporal. E, a partir deste ponto, o autor se lança em uma hipótese sobre o ensino de Yoga para extrair argumentos em prol de uma prática corporal aberta. Seu texto emana questões como autoestima, reapropriação de existências, percepção e presença. Breton afirma que “a presença do professor é tão importante quanto o conteúdo que ele transmite” (p. 25) e que “quer se trate de aprender a ler ou a pintar, dançar, yoga ou karatê, qualquer novo treinamento contribui para a formação pessoal de um aluno que ainda ignorava as possibilidades que vibravam dentro dele e aprende muito além de uma série de técnicas” (p. 25). Ainda fazendo uso do exemplo do ensino de Yoga, Breton nos introduz ao universo das possibilidades do aprendizado do indizível onde o corpo tem papel protagonista e se abre às infinitas ações perceptivas. Corpo e aprendizagem processual são vistos, no texto, como uma espécie de ‘pedagogia do inacabamento’...

Jean-Frédéric Chevallier (filósofo, diretor de teatro e videoarte / Sorbonne Nouvelle, Paris e Universidade Nacional Autônoma do México), por sua vez, é o autor do texto *Minha história da arte*.

De início, Chevallier constata a complexidade inerente ao exercício de releitura da história da arte sem, no entanto, deixar escapar as vantagens de fazê-lo: alargar as já variadas perspectivas cabíveis neste ato reflexivo de reconstrução.

O autor baliza três Regimes da Arte: *Icônico, Figurativo e Impressionista-Expressionista*, descrevendo ainda a perspectiva de se pensar a história da arte com um quarto *Regime, de Apresentação*. Ilustra as aproximações entre as divisões propostas e as considerações dos filósofos Jean-François Lyotard e Jacques Rancière, e da socióloga Nathalie Heinich e, ao tecer reflexões sobre cada um desses regimes apresenta exemplos pautados em obras de arte e nas relações entre artista, obra, espectador e modos de apreciação. Ao passo que, paralelamente, discorre sobre quatro Momentos da Arte (descritos como regime icônico, figurativo, estético e espiritual) delinea a figura/função exercida pelo artista em cada um desses momentos, e nos conduz a pensar sobre a singularidade da experiência estética. Ao destacar a *Sobreposição, Permutação e Coabitação de Regimes*, demonstra que “esses quatro momentos não precisam ser isolados uns dos outros” (p. 43), e nos apresenta com uma boa dose de concepções sobre arte contemporânea, onde “o que importa não é mais a capacidade de criticar a rigidez social, nem a vontade de compartilhar com os outros uma impressão pessoal” como na arte moderna, ou regime impressionista-expressionista, “mas a preocupação de despertar (e deve-se enfatizar sem ideologia) sensações singulares e próprias em cada um dos espectadores”. Ou seja, “passar da comunicação das impressões do fabricante para a produção de sensações por aqueles que olham, ouvem ou leem.” (p.47)

Onde a cultura autoriza uma história: pontos de vista da estética na educação – um ensaio equatoriano é o texto de autoria de Carla Saul Garcia Marcelino (dramaturga, diretora e docente no/do curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Técnica Particular de Loja/UTPL, Equador).

Nele, a autora introduz reflexões sobre o porquê da educação estética se fazer presente e pertinente para a formação integral de cidadãos. Para tanto, e “como exercício de intercâmbio intelectual” (p. 55), lança um olhar – e pensamentos – sobre como as ideias de Benjamin Carrión Mora (“escritor, político, diplomático e produtor cultural” equatoriano) impactaram no reconhecimento do pluriculturalismo e multiétnia “como herança valiosa que coabita a sua realidade pós-moderna” (p. 55).

Marcelino argumenta sobre a importância da arte na/para a educação, e na defesa de uma educação nutrida pela cultura, explana sobre como a dimensão estética é fundamental para imaginação, memória, sensibilidade, empatia, senso de comunidade. A partir da apreciação dos ideais da Casa da Cultura Equatoriana, alimentadas por uma “cosmovisão intercultural”, reafirma o poder da estética como um canal de valor multidimensional. No tocante emocional, a estética atua no sensível e possibilita experimentar outras formas de perceber o mundo. Como ente filosófico, permeia o diálogo entre civilizações e a integração internacional, mas sem perder de vista a noção

de autonomia e a afirmativa de seres sociais e históricos, mostrando que “pensar a estética como ciência é assegurar seu grau de importância dentro de um método de formação” (p. 62).

A parte II do livro é denominada *Licores curitibanos: objetos de investigação de uma linha de pesquisa*, e se constitui de oito trabalhos de autoria de docentes e orientandos da referida linha de pesquisa e vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Teatro, Linguagem e Educação: [Cor]Possibilidades Bakhtinianas, de autoria de Jean Carlos Gonçalves (Diretor da coleção LICORES – Linguagem, Corpo, Estética, da Hucitec) propõe reflexões acerca do teatro e suas perspectivas de pesquisa na educação, a partir da teoria dialógica de Bakhtin. O texto exhibe um breve panorama sobre os estudos Bakhtinianos realizados na Universidade Federal do Paraná e destaca sua significativa disseminação na instituição desde o final dos anos 1980. Com sucinta exibição, o autor ilustra a conquista do reconhecimento de Bakhtin nas Pesquisas em Educação e seu crescente alcance, com progressiva aquisição de espaço e relevância tanto na Instituição como no país. Por um breve traçado sobre a teoria de Mikhail Bakhtin (1895-1975) expõe “a contribuição do pensamento bakhtiniano para a investigação das relações humanas e seus fenômenos em esferas educativas” (p. 73) e discursa sobre a importância do social, do contexto, das interações e interlocuções, e a relevância desses conceitos para pesquisa em educação e, por seu alargamento de fronteiras, em teatro. Ressalta que o teatro e as artes do corpo e do espetáculo se adentram, cada vez mais, nas mais diversas e esparsas áreas de pesquisa, mobilizando diálogos e construindo conhecimentos distintos. Embora ainda haja divisões entre programas de pesquisa, a exemplo da pedagogia das artes cênicas, da educação, da arte, o autor defende o estabelecimento da percepção de que essa possibilidade de “relação entre teatro, linguagem e educação tem tido um relevante impacto quando se fala em ciência acadêmica (p. 79)”, o que expande as possibilidades de diálogos teóricos e metodológicos.

O texto *Notas sobre a Educação do Corpo da Criança em Movimento*, de Marynelma Camargo Garanhani (Pós-Doutora em Contextos Educativos da Criança e Prática Docente) e Déborah Helenise Lemes de Paula (Doutoranda em Educação) traz apontamentos sobre as relações corporeificadas da criança com o mundo, e defende essas relações como linguagem. Entende a criança como um sujeito social/cultural que ao interagir com o mundo, através dos movimentos corporais, o faz por meio de uma perspectiva de interdependência, “de uma interdependência recíproca em que um afeta e modifica as relações corporais que envolvem o movimento do outro” (p. 87). Segundo as autoras, a primeira atuação da criança no mundo se dá através do seu corpo em movimento e seu pensamento se constrói, de início, sob a forma da ação. A concepção se pauta na afirmação de que o corpo da criança em movimento e em consonância com o outro produz marcas corporais capazes de construir sentidos e significados para sua expressão e comunicação.

Nesse sentido, a criança não é compreendida como um ser imaturo e incapaz, simples reproduzidor do mundo adulto, mas, um ser que através da interdependência com o outro insere-se em uma ordem simbólica que a constitui como ser humano social e singular, e é o seu corpo em movimento que concretiza essa forma de relação com o mundo. O corpo em movimento organiza seus sentidos e seus sentires que se propagam na direção do outro, reconstruindo seus significados a partir dessa relação.

As autoras direcionam o modo de olhar/pensar a educação do corpo da criança por meio de uma visão mais ampla, ou seja, o corpo em movimento como um instrumento de comunicação, como sua primeira linguagem no diálogo com o mundo, considerando a educação não pautada apenas no aspecto do desenvolvimento físico-motor, mas que, de modo abrangente, reconhece no movimento do corpo uma linguagem aberta que se estabelece a partir da biologia para então se constituir e construir na cultura.

O artigo *Educação Performativa: Travessias* propõe reflexões a partir da afirmativa de que “toda e qualquer atividade da vida humana possa ser estudada enquanto performance” (p. 98). De autoria de Michelle Bocchi Gonçalves (Pós-Doutora em Educação) e Jair Mario Gabardo Junior (doutorando em Educação), o texto se desenvolve com base em explicações sobre ações investigativas realizadas dentro do *Laboratório de Estudos em Educação performativa, Linguagem e Teatralidades* (ELiTe - UFPR/CNPq), em ressonâncias e convergências entre Performance e pesquisas educacionais, e alguns desdobramentos no que se refere à abrangência e procedimentos que sustentam as pesquisas que transitam por essas temáticas.

Ao chamarem a atenção para a ideia de aprender o mundo por intercessão de nossos corpos, os autores declaram que o próprio ato de investigar consiste numa ação performativa/educativa de múltiplos sentidos. A proposta de uma *Educação Performativa* rompe com ideais lineares e sugere ver e lidar com os desafios da imprevisibilidade e trata da tomada de consciência dos sujeitos e seus múltiplos papéis sociais. Por meio de reflexões sobre corpo, autonomia, presença, contexto e, “ao trazer à luz a corporeidade e toda sua complexidade” (p. 105), os autores demonstram que a aprendizagem atravessa e é atravessada por um caminhar que conduz à transformação, tendo o corpo como agente, “como ferramenta encarnada” de uma Educação Performativa. Deste modo, nos leva à noção do sujeito como agente da cultura, ativo e transformador da realidade.

Por fim, atuações vistas como atividades performáticas possibilitam alargamento, também, no entendimento sobre as possibilidades de atuação no próprio ato docente, concebendo-se em uma *performatividade*.

Deise Cristina de Lima Picanço (Doutora em Letras) é a autora de *Perspectivas Contemporâneas de Pesquisa em Linguagem: Processos de Subjetivação, Ideologias e Instrumentos Linguísticos*. Seu Artigo mostra que é por meio do corpo, e do movimento, que se faz possível conhecer, produzir relações, perceber. Com um panorama reflexivo, a autora desenvolve suas perspectivas analisando métodos e pareceres filosóficos sobre os processos formativos no campo da

linguagem. Para tanto, parte da questão de “como se daria o processo de produção da subjetividade perpassada pela discursividade como modo de agir ética e esteticamente no mundo?” (p. 110), e delinea uma linha de raciocínio que demonstra a temática deste artigo presente desde Descartes.

Torna evidente o fato de que tanto na Filosofia como em estudos da Linguagem a questão da subjetividade e da consciência passaram a ser objetos de investigação e meditação filosóficas, gerando posteriores discursos questionadores do racionalismo. O texto possibilita desfrutar das noções de mundo sensível (dentro) e mundo inteligível (fora), do conceito de identidade na corrente iluminista, e dos desdobramentos possibilitados após os questionamentos de Hume.

“Para Hume, não existe um eu que possa ser projetado ou percebido, a não ser pelo conjunto de nossas percepções transitórias em permanente mutação” (p. 111). Deste modo, e comparativo com Bakhtin, Picanço apoia-se na noção de vivências como forma de orientação de relações interpessoais.

Ao conduzir o leitor a meditar sobre consciência, percepção, vivência, subjetividades, entendidos e construídos como processos que se articulam e se desenham em constante transformação em “um mundo híbrido de quase-sujeitos e quase objetos”, o texto reacende reflexões sobre a natureza da subjetividade humana também a partir do debate entre neokantianos e autores do círculo de Bakhtin.

Elucida o caráter materialista, histórico e social do ponto de vista da perspectiva do Círculo de Bakhtin, que compreende o processo de subjetivação como dialógico e, ainda, contempla a ideia de “maquinas de expressão”, a partir da explicitação de que a subjetividade se produz por agenciamento de enunciação, ancorada em Guattary & Rolnik. Esse trajeto reflexivo se traceja em direção ao entendimento da palavra na perspectiva de Bakhtin, na condição de bivocalidade que “caracteriza a linguagem viva da comunicação”.

O artigo sugere aprofundamento em vários conceitos e temáticas de estudos relacionados à sua reflexão principal, a exemplo da *Análise Dialógica do Discurso*, que se refere a “indissolúvel relação entre língua, linguagens, história e sujeitos” (BRAIT, *apud* PIKANÇO, p. 84), da *Glotopolítica*, que propõe a não divisão conceitual entre o social e o linguístico, dos *regimes de normatividade*, “compreendidos como um sistema de pensamento social” e seu caráter de provisoriedade. Traz, ainda, uma explanação sobre as cinco dimensões das ideologias linguísticas descritas por Kroskrity e deixa clara sua intenção de “apresentar novas perspectivas para novos e velhos objetos, e novas temáticas para as pesquisas em linguagem na educação”, por meio da articulação de diversas teorias e perspectivas de análise pertinentes à linguagem e processos de subjetivação.

Em *A Educação, a dança e a pedagogia da ubiquidade: reflexões sobre o corpo e(m) ações (vídeo)dançantes*, Cristiane Wosniak (Doutora em Comunicação e Linguagens) já em sua epígrafe nos dá sinais de por onde caminharemos com as reflexões: hibridismo, transformações, ubiquidade, atuação do corpo em diferentes lugares... Com a proposta de refletir teoricamente sobre algumas possibilidades pedagógicas relacionadas às mídias e seu uso na educação, inunda o texto com sua

bagagem empírica acumulada da experiência como docente além, claro, do substancial conteúdo teórico relacionado à educação, linguagem, semiótica, dança.

O ponto de partida é o conceito de ubiquidade, (SANTAELLA, apud WOSNIAK, p. 126) que se refere ao “atributo ou estado de algo ou alguém que se define pelo poder de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo [...] potencializado pela portabilidade conectada, disseminada por toda parte”. O desenvolvimento das reflexões se dá, principalmente no âmbito educacional, pela emergência de se parear às alterações sociais, comportamentais, de um mundo invadido pelas mídias digitais. E, para direcionar nossas ponderações, a autora faz um alerta à qualidade da educação, e do ensino, no que tange à atualização dos métodos e ferramentas que permitam “a reconstrução criativa de ações concretas”, de modo que alcancem e promovam o pensar digital.

Com a ideia de corpo como mídia primária, como suporte primeiro dos processos cognitivos, culturais e comunicacionais, os meios tecnológicos, e em especial os dispositivos móveis, servem como ferramenta de um processo pedagógico que ensina o “aprender a aprender”, ou ainda, “aprender-fazer”, em se tratando da dança e/ou da formação de artistas docentes.

Ao vislumbrar a dança como um fenômeno, como uma “linguagem icônica e cinética”, Wosniak provoca ao indagar “de que maneira o ícone cinético dançante se presentifica no *medium* videodança?” e, evoluindo em reverberações reflexivas envolve o texto com conceitos de imagem, imagem dinâmica, corpo, dança, dispositivos móveis, plataformas digitais e videodança. No percorrer das reflexões ofertadas estampa a emergência de se trazer à luz da percepção a polivalência das extensões tecnológicas em nosso cotidiano, sua [inevitável] incorporação no contexto escolar e de ensino, demonstrando suas potencialidades no que se refere ao hibridismo nas formas de aprendizagem.

Avança na linha de raciocínio com reflexões sobre ensino, vivências corporais, educação e ambiente escolar, e convida ao mergulho em outras quatro questões provocativas, que se referem em como, com quais meios, quais mediações, condições do ambiente e processos de ensino-aprendizagem é possível emergir a construção de conhecimento e destaca o uso de recursos tecnológicos como mediadores do/no processo. Ao explicitar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como ferramentas plausíveis nessa mediação, abre as possibilidades de diálogo entre corpo e tecnologia.

Para dar continuidade à caminhada reflexiva sobre dança, tecnologia, ensino-aprendizagem e pedagogia da ubiquidade, Wosniak traz como exemplo (e o analisa) uma proposição de atuação docente/escolar, de produção de conhecimento, por meio da criação de videodanças. O estudo, resultado de uma pesquisa empírica, demonstra possibilidades de atravessamento de saberes entre linguagem artísticas, assim como de ampliação dos modos de criar e produzir conhecimento, tanto no que se refere à arte, ao pensar digital, quanto no avanço das concepções de corpo/dança e da disseminação da arte no contexto escolar.

O artigo seguinte, de Bárbara Yuri Katahira (doutoranda em Educação) Júlio César David Ferreira (Doutor em Educação) e Odisséa Boaventura de Oliveira (Doutora em Educação) intitula-se *A linguagem na formação do professor de ciências: uma reflexão a partir da relação ciência-arte*.

Argumentam a favor do diálogo entre ciência e arte como caminho para a criação de um discurso professoral autônomo, sugerindo o ‘professor-autor’. Para tanto, discorrem sobre a diversidade de discursos possíveis no/para o ensino de ciências destacando as diferentes linguagens pelas quais esse discurso pode ser construído.

Ao apresentarem alguns paradigmas sobre construção do saber científico e sobre o ensino de ciências e expõem como a atribuição de sentido é dependente dos referenciais discursivos, de aproximação das vivências em outras esferas além do ambiente escolar.

Por meio da Análise de Discurso, permeiam a concepção de discurso científico paralelamente a outros campos de produção de conhecimento, e perpassam, ancorados em Orlandi (2011) alguns tipos de discurso: o Lúdico, o Polêmico e o Autoritário. Trazem para as reflexões a noção de polissemia, aberta, contida, controlada, e seus efeitos de reversibilidade, ou não, nos diferentes tipos de discurso e alertam sobre a aproximação entre discurso pedagógico e discurso autoritário.

Referindo-se a uma prática pedagógica capaz de romper com o já instituído, em busca de um discurso pedagógico polêmico, discorrem sobre o conceito de professor-autor, o qual assume seu papel de mediador e mobilizador de interlocuções no “processo de constituição dos sentidos dos conceitos científicos” (p. 144).

Defendem uma abordagem epistemológica dos conceitos científicos e, ancorados em Bachelard, sustentam a aproximação entre arte e ciência tendo a imaginação como ponto de convergência. Dissertam sobre as duas formas de imaginação descritas pelo filósofo da ciência, a saber, a imaginação formal e a criadora, o que aponta a imaginação como “produtora de imagens e pensamentos” que antecedem o pensamento claro e organizado e a revela como “ação presente na vida consciente” (p. 148).

Katahira, Ferreira e Oliveira aproximam do referencial de imaginação criadora de Bachelard o *bloqueio criativo*, alusivo à atuação em improvisação teatral de Keith Johnstone. Os conceitos de presença, imaginação ativa e ação permeiam as reflexões sobre a atitude na atividade teatral de improvisação criando o elo de ligação à *imaginação criadora*.

Projetam uma possibilidade de relacionar ciência e arte, dentro do contexto do ensino, pela via da imaginação a partir de um elemento do raciocínio científico, e avistam possíveis pontos de diálogo e convergências, mesmo, no entanto, reconhecendo divergências.

No que diz respeito à formação de professores, propõem a reflexão sobre a importância de se problematizar a imaginação formal para instituir uma prática que atente à imaginação criadora, que pode ser facilitada por variadas manifestações e linguagens artísticas e trazem como referencial imaginativo o cinema de ficção, que quando direcionado especificamente para a formação de

professores de ciências mostra que “a ficção científica se constitui como narrativa de conjectura e hipóteses ao incidir sobre a própria essência de toda a ciência, a conjecturabilidade” (p. 153).

O texto conduz à consideração de que quanto mais alargada for a noção de formação (e de formação de professores), ultrapassadas as concepções de assimilação ou de treinamento, mais se aproximará da ideia de “reforma do sujeito”. No que concerne a formação de professor/a, arquitetada pelas dimensões científica, cultural e pedagógica, assinala a promulgação da relação entre formação e autoria na constituição do espírito científico.

Em *O corpo e a cidade: um verão em Portugal*, Simone Rechia (Pós-doutora em Educação Física) discute a relação corpo-ambiente pelo prisma das diferentes formas de apropriação dos espaços públicos pelo corpo.

Por meio de apontamentos sócio históricos e referindo-se às práticas corporais nas cidades, a autora revela alguns parâmetros de normatização que, em certa medida, ocasionaram dos planejamentos urbanos. Disserta sobre “práticas da cultura corporal do movimento” destacando atividades relacionadas à dança, música, teatro, exposições, ou seja, diferentes modalidades de ação do corpo em diferentes espaços de convívio social e sua potencialização ocasionada pela atmosfera do verão.

A partir dos dados de sua pesquisa, desenvolvida no estágio de pós doutorado em Portugal no ano de 2019, a autora mostra a “existência de investimentos financeiros por parte do poder público português” tanto materialmente, estrutural e de equipamentos, como não material, em espaços públicos das cidades, com vistas à facilitação e incentivo às práticas culturais, objetivando competitividade entre as cidades. Festivais culturais, feiras, equipamentos de lazer e incentivo à prática de atividade física, parques infantis, etc., como partes de um projeto de planejamento urbano que contribui para o bem estar. Mostra-se, dessa forma, que “a relação entre corpo e espaço no ambiente urbano surge como um pano de fundo ou cenário constitutivo da história humana, na qual o corpo pode ser pensado como constitutivo cultural, biológico, fisiológico, biomecânico, performático em seus usos dos territórios urbanos” (p. 173).

Seguidamente, no artigo *Pesquisar a diferença em linguagem, corpo e estética: alguns apontamentos*, Cláudia Madruga Cunha (Pós-doutora em Educação) e Leomar Peruzzo (doutorando em Educação) exibem um certo conteúdo da filosofia da diferença, proposta por Gilles Deleuze e Felix Guattari. No texto, propõem cinco apontamentos principais, que consideram servir como “introdução ao pensamento deleuziano”, divididos, notadamente para fins didáticos e melhor apreensão, em pesquisar a diferença, o método intuitivo e genealógico, corpo como feixe de sentidos, a escrita como ato criador e fluxos inconclusos, apontamentos estes considerados como ‘pontos fundamentais’ de uma filosofia que aspira “deslocar a filosofia da reminiscência”.

Alertam que não se trata, exatamente, da negação da tradição filosófica no que se refere aos modos de pensar/conhecer, mas sim de abordar aquilo que ela cala. Vê-se uma revisitação de questões no pensamento da relação entre sujeito e coisas, condicionados por “movimento de dramatização”.

Dissertam sobre *diferenciar* e *diferençar*, sobre expressão de sentido, estado corpóreo da percepção, e trilham um caminho que orienta, por meio das reflexões sobre a imagem do pensamento, para o vislumbre de duas maneiras possíveis de superação da imagem do pensamento estabelecida no platonismo: a do poeta e a do político.

Cunha e Peruzzo mostram que a pesquisa da diferença supera dualidades como corpóreo, inteligível e sensível e instaura a noção de que tudo está em movimento. Pelo invólucro do método intuitivo, pautado primeiramente em Bergson segundo os atores, fica evidente que é na criação que se estabelece a principal intersecção entre a arte e a filosofia deleuziana.

Corpo como linguagem, de onde se extraem “fluxos de sensibilidade para a imaginação”, “corpo sem órgãos”, pensado sem hierarquia, reelaborado na dinâmica dos afetos, das relações, da dimensão que “atinge a estrutura sensível do corpo [...] para além do organismo” (p.185).

O conteúdo exposto é bastante intenso, e extenso, e instiga o aprofundamento à filosofia deleuziana, e em certa medida deslumbra, pela movimentação de conceitos que leva a noção de uma “estética da criação”.

A parte III é denominada *Licores à brasileira: outros olhares* e apresenta três contribuições textuais.

Em *Formação estética e suas [in]definições: do estético e do poético*, os autores Marcelo de Andrade Pereira (Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria) e Gilberto Icle (Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Rio Grande do Sul e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília) se debruçam sobre as significações dos conceitos de estético e poético e propõem discussões sobre esses conceitos no âmbito educacional a partir de uma explanação histórico-filosófica.

Ao pesquisarem estudos educacionais sobre formação estética, e por certo afrouxamento percebido nas pesquisas recentes no que se refere a conceituação de poético e estético, os autores julgam imperativo esclarecer a formação estética e o entendimento “dos propósitos de uma determinada forma de apreensão da sensibilidade e da arte no contexto da formação” (p.196).

Por meio de um traçado que se inicia em Platão e Artístoteles historicizam as reflexões, perpassando por Kant, Walter Benjamin, Paul Valéry e pelos conceitos de *mimesis*, Tragédia, Epopéia, criação, e ainda, ponderados por Gumbrecht, discorrem sobre a experiência estética e seu conteúdo. A oscilação entre o sensível e o racional, a ampliação dos sentidos, pela afirmação de uma experiência que por seu caráter qualitativo se diferencia das outras.

Luciane Oliveira da Rosa (Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Univali) e Valéria Silva (Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação na Univali) em *O corpo brincante da criança* apresentam um ensaio com o propósito de desconstruir o saber sobre o corpo (brincante) da criança, afirmando-o como “potência e devir”.

As autoras apresentam uma crítica aos modos e tentativas de controle sobre as crianças, o que coloca seus corpos como objeto da biopolítica, sujeitos da cultura do capitalismo. Discorrem sobre como “o corpo empreendedor de si é um corpo investido de treinamento” e o quanto isso pode descaracterizar a potência humana durante a infância.

Citam o uso da tecnologia como caráter de inovação na educação, e refletem sobre sua crescente indicação e utilização como estratégia de superação de uma “crise de aprendizagem”, mas que, segundo o exposto, camufla um negócio que cobiça, além de lucro financeiro, “a criação de corpos empreendedores de si”, que perpetua uma ideia consumista que fere a “linguagem da criança brincante”.

Cláudia Garcia Cavalcante (Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – PUC/SP e docente do curso de Licenciatura em Linguagem e Comunicação na UFPR/Setor Litoral) em *A escrita como revelação: um breve estudo da autoria* traz considerações sobre a autoria nos processos de construção de textos sob o viés dos autores e em diálogo com Bakhtin, a fim de amplificar o entendimento sobre a temática.

A autora narra seu interesse em pesquisar questões da constituição da autoria e o quanto tal interesse se intensifica pela prática docente, por sua correlação com o processo didático da escrita, e se dedica a ilustrar um histórico desse trajeto investigativo e assinalar possibilidades de continuidade.

Suas reflexões são apresentadas por meio de uma “perspectiva teórica dialógica de estudos do discurso” e balizadas pelos conceitos de Bakhtin, justificadas “de forma a ilustrar um percurso metodológico de organização de conceitos teóricos em formato de verbetes” e revelando os conceitos de *autor-criador* e *autor-real*, *autoeliminação amorosa*, *autor puro*, *consciência outra*. A discussão apresentada se baseia em dois textos (selecionados pela alteridade estabelecida entre o texto e o escritor) e considerações dos escritores sobre suas escritas e seus processos, a saber um do escritor angolano, Valter Hugo Lemos, e outro do brasileiro Cristovao Tezza, desencadeando ampla reflexão no tocante a autoria, o que permite acentuar o entendimento acerca “da construção de texto em perspectiva dialógica”.

A publicação, em sua completude, propõe diálogo ao abrir ‘novos horizontes’ para o pensar/fazer nas diferentes formas de expressão referentes à linguagem, corpo e estética, e suas potencialidades teórico-práticas.

REFERÊNCIA

GONÇALVES, Jean Carlos; GARANHANI, Marynelma Camargo; GONÇALVES, Michelle Bocchi (Orgs.).
Linguagem, corpo e estética na educação. São Paulo: Hucitec, 2020.

Recebido em: 23/01/2021
Aceito em: 01/04/2021